



ANAIS DA

UNIÃO DAS FREGUESIAS DE FARO (SÉ E SÃO PEDRO)

VOLUME I

2018



CADERNOS DE OSSÓNIBA

FORTIFICAÇÕES MILITARES DE FARO DÁ IDADE MÉDIA

FERNANDO PESSANHA

Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes/VRSA

INTRODUÇÃO

Foi no passado dia 30 de Março de 2019 que o Fórum Pensar Faro, tendo como temática “Faro e a Ria Formosa”, recebeu a conferência “As fortificações militares de Faro da Idade Média à Idade Contemporânea” - comunicação onde tivemos a oportunidade de dissertar sobre os elementos da arquitectura militar que continuam a subsistir da denominada “cidade velha” e cujos vestígios mais antigos remontam ao período medievo-islâmico.

Solicitado o respectivo artigo para publicação no livro de actas da União das Freguesias de Faro, e uma vez que os condicionalismos inerentes a um artigo desta natureza dificilmente nos permitiriam aprofundar este tema de forma mais consistente, optámos por circunscrever o objecto de estudo às fortificações militares de Faro da Idade Média, deixando para posterior publicação o estudo das fortificações militares relativas à Idade Moderna e à Idade Contemporânea.

Lamentavelmente, não são muitos os vestígios da arquitectura militar medieval facilmente identificáveis em Faro, quando comparados com outros núcleos urbanos do ocidente peninsular, como Sevilha, Niebla ou Silves. De facto, as catástrofes naturais, associadas às sistemáticas demolições, construções e reconstruções acabaram por afectar a percepção do comum visitante quanto a um património histórico cujo estudo, defesa e salvaguarda servem estrategicamente os mais altos interesses culturais, turísticos e económicos da nossa capital de distrito. Ainda assim, um olhar mais atento permite vislumbrar mais que pontuais vestígios, nomeadamente, no que se refere a vários elementos do sistema defensivo da antiga cidade medieval, como os panos de muralha, as

torres, as entradas em cotovelo ou a alcáçova.

É nesse sentido que o presente trabalho pretende abordar, ainda que em traços manifestamente gerais, as fortificações militares de Faro para a balizagem cronológica compreendida entre inícios do período medievo-islâmico e finais do período medievo-cristão.

MURALHAS

Seria redundante afirmar que as muralhas de Faro são, desde logo, um dos elementos mais evidentes no que respeita às fortificações militares da Idade Média. Com efeito, uma das primeiras referências às muralhas surge-nos numa descrição dos inícios do séc. XII, do geógrafo al-Idrisi: “*Santa Maria do Gharb está edificada na orla do oceano e as suas muralhas são banhadas pelas águas da maré cheia*”¹. Actualmente, a muralha que delimita a antiga cidade apresenta no seu conjunto uma planta elíptica com uma área de 73014m e um perímetro de 1083m². Segundo autores como Maria da Conceição Amaral, a cidade já estaria amuralhada antes do domínio muçulmano³. De facto, tem sido atribuída uma origem romana às muralhas de Faro. De acordo com Teresa Gamito, as muralhas “*só foram de facto construídas em época romana, quando se processou um alargamento da área da cidade (...), na verdade, as muralhas datam do séc. II d. C.*”⁴.

Contudo, outros autores têm vindo a descartar essa possibilidade. Na opinião de Adriaan De Man; “*a análise arquitectónica da muralha leva a crer numa fase construtiva não anterior ao califado, sendo provavelmente de atribuir uma remodelação almóada das defesas urbanas. Diante do paramento visível, deverá ser descartada a hipótese de uma construção tardo romana, tornando-se no entanto provável que tenha existido um perímetro dessa época num alinhamento semelhante, cujos*

¹Al-Irisi, transcrito de Cláudio Torres & Santiago Macias, O Legado Islâmico em Portugal, p.195.

²Natércia Magalhães, Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas, p.100.

³Maria da Conceição Amaral, Caminhos do Gharb – Estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: O caso de Faro e de Silves, p.58.

⁴Teresa Júdice Gamito, “A cidade de Ossonoba e o seu território envolvente”, in Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar, p.356. Da mesma autora veja-se também “O Papel das Torres de Vigia na Defesa de Faro”, in Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica, p.839.

*elementos carecem de momento de identificação*⁵. De facto, a leitura de Adriaan De Man parece ir ao encontro das informações facultadas pelas fontes árabes que, através dos seus relatos de viagens, poderão fornecer-nos algumas pistas. Com efeito, sabemos que entre 755 e 1031 a Península Ibérica ficou centralizada sob o poder califal da dinastia omíada de Córdova. Contudo, em Uqxûnuba, o partido muladi liderou um movimento insurreccional no séc. IX, chegando a criar um importante feudo local. Diz-nos António Borges Coelho que *“Abu al-Malik ibn Abu al-Juad apoderou-se de Beja e fortificou Mértola. Ibn Bakr era senhor de Ossónoba. Aliaram-se a Ibn Maruane. Das faldas da Estrela ao Algarve, o Ocidente escapava ao poder fiscal, político e militar de Córdova*⁶. Ora, dada esta relativa autonomia de Uqxûnuba em relação ao poder central, parece-nos natural que ibn Backre tenha sentido a necessidade de fortificar a cidade de modo a defender-se de um eventual cerco por parte da dinastia omíada de Córdova⁷.

Em Portugal na Espanha Árabe podemos encontrar uma descrição interessante dos tempos dos Banu Backre que corresponde exactamente ao período emiral-califal: *“Bacre ibn Iáhia ibn Bacre estabeleceu-se na cidade de Santa Maria do cantão de Ossónoba, mandou fazer nela construções diversas e transformou-a numa praça-forte que proveu de portas de ferro*⁸. O mesmo autor em Donde Viemos refere claramente: *“Bakr ibn Yhaya ibn Bakr rodeou Faro com muralhas e portas de ferro*⁹.

De resto, também Rócio Álvaro Sanchez parece concordar com esta cronologia quando refere que: *“en el año de 859, la Kura de Ocsónoba tuvo que hacer frente al ataque de los normandos y a final del siglo IX (...) época en la que Bakr. B. Yahya b. Bakr se convirtió en señor de Ocsónoba (...) reforzando sus murallas*¹⁰. Ora, perante o ambiente de instabili-

⁵Adriaan de Man, “Três Muralhas Urbanas e Alguns dos Seus Problemas” in Revista Al-Madan, II série, p.73.

⁶António Borges Coelho, Donde Viemos, p.146.

⁷Fernando Pessanha, A Cidade Islâmica de Faro, p.51.

⁸António Borges Coelho, Portugal na Espanha Árabe, p.201.

⁹António Borges Coelho, Donde Viemos, p.146.

¹⁰Rócio Álvaro Sánchez, “Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipología cerámica del sondeo 1/AO68/UE 101 del museo Faro”, in Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve, p.450.

dade, as lutas internas e a insegurança provocada pelos ataques dos normandos¹¹, parece natural que se tenha procedido à construção de muralhas urbanas e de outras estruturas de carácter defensivo¹². Aliás, é exactamente neste contexto que se procede à edificação de pequenas fortalezas de carácter religioso-militar e à criação de medidas para a construção de portos defensivos ao longo da costa Atlântica¹³.

Em 1217, ainda durante o domínio almóada na cidade, escrevia um peregrino do norte da Europa acerca de Faro: *“muito bem fortificada, cercada de água por dois lados e toda ela defendida por um muro torreado, tão largo, e sólido, que na parte superior podiam combater dois guerreiros a cavalo”*¹⁴. Ainda segundo *a Crónica da Conquista do Algarve*, aquando da conquista de Faro pelos cristãos, algumas zonas da cerca encontravam-se reforçadas por uma barbacã e por um fosso¹⁵, o que seria perfeitamente natural se tivermos em consideração que Faro era um dos mais importantes redutos muçulmanos do ocidente peninsular.

TORRES E ENTRADAS EM COTOVELO

Também as torres dispostas ao longo do perímetro amuralhado se apresentam como elementos de grande interesse no que se refere à arquitectura militar da cidade. É nesse sentido que se estacam as torres semicirculares adossadas aos panos de muralha e para as quais já foi atribuída uma fundação tardo romana ou bizantina.

¹¹Aqui devemos relembrar, a título de exemplo, a destruição das muralhas de Sevilha por parte dos normandos, em 844. Ver Rafael Sánchez Mantero, *Historia Breve de Sevilla*, p.40. Recordamos ainda a célebre batalha que teve lugar na foz do rio Arade, em 971, quando os normandos pretenderam saquear Silves. Ver José Garcia Domingos, *Ossónoba na Época Árabe*, p.37; António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, pp.174-175; Helena Catarino, “A Ocupação Islâmica”, in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Me-dieval (I)*, p.281.

¹²Fernando Pessanha, *A Cidade Islâmica de Faro*, p.52.

¹³Helena Catarino, “Castelos Muçulmanos do Algarve”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.453.

¹⁴Carlos Pereira Callisto, “A Praça de Guerra de Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XVII, p.124.

¹⁵Miguel Gomes Martins, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, pp.182-183.

Refira-se que, segundo Teresa Gamito, *“Ossonoba apresenta uma evidência clara da presença Bizantina na cidade: o reforço das suas muralhas e o modo facetado como os torreões defensivos, inicialmente arredondados, se apresentam a partir de uma determinada altura, e não de raiz”*¹⁶. Do mesmo modo, também Cláudio Torres e Santiago Macias defendem que, no pano de muralha virado ao terreiro de S. Francisco, algumas torres de base semicilíndrica e de tradição bizantina datam, com toda a probabilidade, do século XI, *“embora tenham sido refeitas em época posterior”*¹⁷.

Para além das torres semicirculares adossadas aos panos de muralha, também as torres avançadas do Arco do Repouso se revestem de particular interesse. Localizadas frente ao Largo de São Francisco, estas torres avançadas, de indústria manifestamente almóada¹⁸, assim como a torre albarrã que defendia esta entrada em cotovelo, foram concebidas com o propósito de defender a zona mais desprotegida, fronteira a uma praia onde, até ao século XVIII, eram reparadas as embarcações¹⁹. Refira-se, a este propósito, que os períodos almorávida e almóada correspondem a um importante momento de fortificação e construção de sistemas defensivos, já que a ameaça do avanço cristão começava a tornar-se alarmante para as cidades do Gharb. Deste modo, tornava-se urgente conceber novas estruturas de defesa, como novas muralhas (agora construídas em taipa), torres albarrãs, couraças e entradas em cotovelo²⁰, não só em Faro, como também em Loulé, Silves e Tavira²¹. Com efeito, Rócio Álvaro Sanchez atribui a este período o uso da taipa

¹⁶Teresa Júdice Gamito, O Algarve e o Magreb, p.58. Também a arqueóloga Dália Paulo atribui a estas torres uma origem bizantina. Ver Dália Paulo, “As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro”, in Anais do Município de Faro, Vols XXXIX / XXX, p.21.

¹⁷Cláudio Torres & Santiago Macias, O Legado Islâmico em Portugal, p.195.

¹⁸Cláudio Torres & Santiago Macias, O Legado Islâmico em Portugal, p.195. Ver também Cláudio Torres, “O Al Garbe”, in Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar, p.435.

¹⁹Teresa Júdice Gamito, O Algarve e o Magreb, pp.57-58.

²⁰Helena Catarino, “Castelos Muçulmanos do Algarve”, in Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar, p.455

²¹Esta política no que se refere à construção de estruturas defensivas não foi aplicada somente às áreas urbanas, como também em contexto rural, como podemos ver no caso castelo de Paderne, em Albufeira, ou no castelo de Salir, em Loulé.

militar e da entrada em cotovelo, assim como *“las torres albarranas (...) ejemplo de lo cual encontramos uno de los mejores conservados (...) en la fortaleza de Faro”*²². Tal como ainda podemos verificar in situ, as duas torres avançadas e a entrada lateral subsistem ainda hoje, apesar das remodelações ocorridas depois do terramoto de 1755, dando-nos assim uma remota ideia de como seriam durante a Idade Média²³. Ainda no que se refere a estas torres e à entrada mais vulnerável de Faro, foi exactamente pela porta em cotovelo do “Arco do Repouso” que os cristãos entraram aquando da conquista²⁴ e onde, segundo a tradição oral, o monarca português terá repousado depois de tomada a cidade²⁵.

Ainda no que se refere às entradas em cotovelo, enquanto elementos da arquitectura militar islâmica em Faro, não podemos passar sem referir a porta lateral que encontramos no Arco da Vila, atribuída ao período emiral-califal²⁶. De facto, já em 1984 que José Garcia Domingues referia a existência desta porta de arco em ferradura *“à direita de quem entra na Vila a Dentro”*²⁷. Finalmente, em 1996, a arqueóloga Teresa Júdice Gamito teve oportunidade de fazer uma intervenção no local, colocando a descoberto esta entrada que, tal como podemos confirmar pela planta seiscentista de Alexandre Massai, se encontrava protegida por uma torre, tal como no caso da entrada em cotovelo do Arco do Repouso. De resto, os sulcos escavados que ainda hoje se podem encontrar nas

²²Rócio Álvaro Sánchez, “Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipología cerámica del sondeo 1 / AO68 / UE 101 del museo Faro”, in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p.449.

²³Fernando Pessanha, *A Cidade Islâmica de Faro*, pp.49-53.

²⁴Maria da Conceição Amaral, *Caminhos do Gharb – Estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: O caso de Faro e de Silves*, p.61.

²⁵Natércia Magalhães, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, p.55. Da mesma autora veja-se também *Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas*, p.101.

²⁶Segundo Santiago Maciais, as aduelas que compõem o arco, alternando diferentes cromaturas, aproximam-se dos modelos clássicos andaluzes e têm paralelo “com idêntico princípio posto em prática na Grande Mesquita de Córdoba”. Ver Santiago Macias, “Entre o Algarve e a Serra”, in *Terras da Moura Encantada*, p.141. Ver também Cláudio Torres, “O Al Garbe”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.435.

²⁷José Garcia Domingues, “Homens Célebres e Famílias Ilustres do Algarve na Época Árabe”, in *3º Congresso do Algarve*, p.78.

paredes laterais desta entrada sugerem a existência de uma ponte levadiça que fazia a ligação ao sapal. Deve-se também realçar o facto de existir uma representação iconográfica desta porta, datada do séc. XIII, nas iluminuras que decoram a cantiga Esta é dun miragre que mostrou Santa Maria en Faaron quando era de mouros, de Afonso X de Leão e Castela, avô do rei D. Dinis de Portugal²⁸.

A ALCÁÇOVA

Também é conhecida a localização da antiga alcáçova islâmica, no canto sudoeste da área urbana²⁹, e sobre a qual se construiu uma moderna unidade fabril³⁰. Entre a comunidade científico-académica é frequentemente aceite que a alcáçova deverá ter sido edificada no séc. IX, durante a fortificação da cidade por ibn Backre³¹, o que não deixa de fazer sentido se tivermos em consideração que esta fortificação funcionava como o último reduto defensivo dentro do perímetro amuralhado. Tal como já anteriormente referimos, *“Bacre ibn láchia ibn Bacre estabeleceu-se na cidade de Santa Maria do cantão de Ossónoba, mandou fazer nela construções diversas e transformou-a numa praça-forte que proveu de portas de ferro”*³².

Teoricamente localizada num ponto elevado da cidade³³, funcionaria como espaço destinado ao governador enquanto centro do poder, como que uma cidade isolada dentro de uma outra que dominava. Para além

²⁸Fernando Pessanha, A Cidade Islâmica de Faro, p.77.

²⁹Natércia Magalhães, Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas, p.100. Ver também O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve, p.53.

³⁰Santiago Macias, “Entre o Algarve e a Serra”, in Terras da Moura Encantada, p.139.

³¹Dália Paulo, “As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro”, in Anais do Município de Faro, Vols XXXIX/XXX, p.20; Maria da Conceição Amaral, Caminhos do Gharb – Estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: O caso de Faro e de Silves, p.60; Maria José Nobre de Sousa, “A Defesa Islâmica da Ria Formosa”, in Anais do Município de Faro, Vols XXXIII / XXXIV, p.129.

³²António Borges Coelho, Portugal na Espanha Árabe, p. 201.

³³A arqueóloga Dália Paulo situa a fábrica da cerveja (local da antiga alcáçova islâmica) a 4 metros de altura da Ria Formosa. Ver Dália Paulo, “As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro”, in Anais do Município de Faro, Vols XXXIX / XXX, p.21.

da elite local, albergaria funcionários, dignitários e militares por trás de um sistema defensivo normalmente complexo³⁴. Segundo Natércia Magalhães, a alcáçova apresentar-se-ia como uma *“praça-forte, local fortificado, palácio no qual vivia o governador com uma importante guarnição militar, podendo estar-lhe associado um pequeno bairro residencial de altos dignitários e sistemas de apoio em caso de cerco”*³⁵. De facto, a alcáçova apresentou-se ao longo da história da arquitectura militar como um dos sectores em que, de forma mais duradoura e evidente, os muçulmanos introduziram novas formas, técnicas e terminologias³⁶. No caso de Faro, a alcáçova apresentava muralhas com torreões em todo o seu perímetro, sendo que o acesso ao interior fazia-se por duas portas: a porta do socorro (voltada para o mar e que permitia a recepção de socorros) e a porta que se abria para a malha urbana da medina³⁷. No entanto, para Teresa Gamito, a alcáçova islâmica de Faro nunca terá sido residência dos governadores da cidade ou da taifa de Uqxûnuba, pela simples razão de que *“seriam as zonas mais vulneráveis e perigosas em caso de a taque”*³⁸. Esta teoria assenta num pressuposto estratégico, uma vez que esta alcáçova não só se encontrava situada numa zona de baixa altitude, como também se encontrava junto às muralhas.

Depois da conquista cristã, a alcáçova islâmica foi restaurada e ocupada pelas elites encarregues do governo da cidade, funcionando (teoricamente) como residência de alcaides como o célebre Rui Barreto, *“capitão da vila de Faro (...) e alcaide-mor da dita vila”*³⁹. De resto, se observarmos a planta seiscentista de Faro da autoria do engenheiro Militar Alexandre Massai, podemos ter uma ideia não só da configuração geral

³⁴Walter Rossa, “A Cidade Portuguesa”, in História da Arte Portuguesa – Volume 8 – Neoclassicismo e Romantismos (século XIX), p.70; Juan Eslava Galán, Califas, Guerreros, Esclavos y Eunucos – Los moros en España, p.103.

³⁵Natércia Magalhães, Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas, p.292.

³⁶Walter Rossa, “A Cidade Portuguesa”, in História da Arte Portuguesa – Volume 8 – Neoclassicismo e Romantismos (século XIX), p.70.

³⁷Natércia Magalhães, O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve, p.53; Maria José Nobre de Sousa, “A Defesa Islâmica da Ria Formosa”, in Anais do Município de Faro, Vols XXXIII / XXXIV, p.129.

³⁸Teresa Júdice Gamito, O Algarve e o Magreb, p.63.

³⁹Sobre Rui Barreto veja-se Fernando Pessanha, “Rui Barreto: A capitania do alcaide-mor de Faro em Azamor”, in Anais do Município de Faro, Vol. XLI, pp.117-149.

que a alcáçova teria durante o período medievo-cristão, como também do próprio perímetro amuralhado⁴⁰. Lamentavelmente, as sucessivas reconstruções, restauros e reabilitações acabaram por descaracterizar totalmente o que restava da antiga alcáçova medieval, já que em 1923, no interior da sua área, foi construído um novo arruamento, a Rua do Castelo, destruindo assim a antiga muralha voltada para sul⁴¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos terminar o presente artigo sem antes recapitularmos, em traços muito gerais, algumas das ideias anteriormente apresentadas. Antes de mais, convém referir que, ao contrário do que o comum visitante poderá pensar, o centro histórico de Faro apresenta interessantes elementos da arquitectura militar da Idade Média. É certo que este património poderá apresentar-se algo modesto, quando comparado com a monumentalidade de outros núcleos urbanos do sul peninsular, nomeadamente, na vizinha Andaluzia. No entanto, devemos ter em consideração que esta realidade é, antes de mais, determinada pelo carácter marginal e periférico do Algarve, algo distante dos centros de poder, como Córdova, Sevilha ou Granada.

Ainda assim, a denominada “cidade velha” apresenta um conjunto de elementos cuja importância não deve ser desconsiderada, especialmente, no que se refere ao seu perímetro amuralhado e às suas torres, que sugerem uma cronologia que remonta às reformas urbanas do período emiral-califal do séc. IX-X, com uma manifesta remodelação de indústria almóada bem evidente nas torres albarrãs do Arco do Repouso. De resto, outros elementos entretanto desaparecidos da arquitectura militar da Idade Média, como a cava, as entradas em cotovelo ou a alcáçova, bem poderiam ser identificados *in situ*, a nível da sinalética. Para tal, seria pertinente a realização de novos estudos com base de sustentação científica. Condição, aliás, indispensável ao desenvolvimento de estratégias culturais sustentáveis e cujas repercussões prendem-se directamente com o desenvolvimento da económica local. *Alea jacta est...*

⁴⁰Dália Paulo, “As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro”, in Anais do Município de Faro, Vols XXXIX / XXX, p.21.

⁴¹Natércia Magalhães, Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas, p.100.

BIBLIOGRAFIA

ALEMPARTE, Jaime Ferreiro, *Costas de la Península Ibérica*, Madrid, Soc. Esp. Est. Medievales, 1999.

ÁLVARO SÁNCHEZ, Rócio, “Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipología cerámica del sondeo 1/AO68/UE 101 del museo Faro”, in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves, Câmara Municipal de Silves, 2009.

AMARAL, Maria da Conceição, *Caminhos do Gharb – Estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: O caso de Faro e de Silves*, Faro, Comissão e Coordenação da Região do Algarve, s/d.

BRITO, António Salustiano Lopes de, “A Tomada de Faro”, in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1987.

CALLISTO, Carlos Pereira, “A Praça de Guerra de Faro”, in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1987.

CATARINO, Helena, “A Ocupação Islâmica”, in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, Amadora, Ediclube, s/d.

- “Castelos Muçulmanos do Algarve”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997.

- *O Algarve Islâmico: roteiro por Faro, Loulé, Silves e Tavira*, Faro, CCR Algarve, 2002.

DE MAN, Adriaan, “Três Muralhas Urbanas e Alguns dos Seus Problemas”, in *Revista al-Madan*, II série, Almada, Dezembro 2007.

COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, Lisboa, Caminho, 2008.

- *Donde Viemos*, Alfragide, Caminho, 2010.

COUTINHO, Valdemar, *Centros Históricos de Influência Islâmica*, Portimão, Instituto de Cultura Ibero-Atlântica & Campo Arqueológico de Mértola, 2001.

DOMINGUES, José Garcia, *Aben Mafon e a Conquista do Algarve Pelos Portugueses na «Adh-Dhakhyra As-sanyya»*, Lisboa, Comunicação apresentada ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, 1955.

- *Património Cultural Árabe Algarvio*, Lisboa, Casa do Algarve, 1956.

- *Ossónoba na Época Árabe*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1972.

- *Portugal e o al-Andaluz*, Lisboa, Hugin, 1972.

- “Homens Célebres e Famílias Ilustres do Algarve na Época Árabe”, in *3º Congresso do Algarve*, Lisboa, Racal Clube, 1984.

GALÁN, Juan Eslava, Caligas, Guerreros, Esclavas y Eunucos – Los moros en España, Madrid, Espasa, 2009.

GAMITO, Teresa Júdice, “Mil anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb”, in O Papel das Torres de Vigia na Defesa de Faro, Lisboa, Edições Colibri, s/d.

- “A Ocupação Islâmica do Ocidente da Península – Vestígios de Ossónoba Árabe”, in III Jornadas de Silves - 20, 21, 22 de Outubro de 1995 – Actas, Silves, Associação de Estudos e Defesa do Património Histórico-Cultural de Silves, 1997.

- “A cidade de Ossoyoba e o seu território envolvente”, in Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997.

- “Ukxûnuba and its territory”, in Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico, Faro, Universidade do Algarve, 2004.

- O Algarve e o Magreb, Faro, Universidade do Algarve, 2007.

GONÇALVES, Célia & SILVA, Tânia, “O Período Islâmico em Faro – Resultados Preliminares”, in Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, Câmara Municipal de Silves, 2009.

HENRIQUES, António Castro, Conquista do Algarve 1189-1249, Lisboa, Tribuna da História, s/d.

IRIA, Alberto, “Faro em 1349 – por José António Pinheiro e Rosa, à guisa de prefácio – pelo Dr. Alberto Iria”, in Anais do Município de Faro, Vol. XV, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1985.

LAMEIRA, Francisco, Faro - A Arte na História da Cidade, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1999.

LVAJO, Joaquim Chorão, “A Crónica do Mouro Rasis e a historiografia portuguesa medieval”, in Estudos Orientais II – O Legado Cultural de Judeus e Mouros, Lisboa, Instituto Oriental, 1991.

LEMONS, Aboim Sande, “Santa Maria de Ossónoba”, in Anais do Município de Faro, Nº XXV, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1995.

LOPES, David, “Faro no Século XI”, in Anais do Município de Faro, Nº XIII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1983.

LOPES, Francisco Fernandes, A Música das Cantigas de Santa Maria e Outros Ensaio, Olhão, Câmara Municipal de Olhão, 1985.

MACHADO, José Pedro, “Ensaio sobre Faro nos tempos árabes”, in Anais do Município de Faro, Vol. II, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1970.

MACIAS, Santiago, “Casas Urbanas e Quotidiano no Gharb al-andaluz”, in Portugal Islâmico – Os Últimos Sinais do Mediterrâneo, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, s/d.

- “Entre o Algarve e a Serra”, in Terras da Moura Encantada, Porto, Civilização, 1999.

MARTINS, Miguel Gomes, De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011.

MAGALHÃES, Natércia, O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve, Faro, Instituto Português do Património Arquitectónico, s/d.

- Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas, Faro, Letras Várias, 2008.

NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, “Faro: O Passado e o Presente Muçulmano”, in Anais do Município de Faro, N. XVII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1987.

PAULA, Rui M. & PAULA, Frederico, Faro, Evolução Urbana e Património, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1993.

PAULO, Dália, “As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro”, in Anais do Município de Faro, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1999 / 2000.

PESSANHA, Fernando, A Cidade Islâmica de Faro, Faro, Edições Mandil / Associação Faro 1540, 2012.

- “Rui Barreto: A capitania do alcaide-mor de Faro em Azamor”, in Anais do Município de Faro, Vol. XLI, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2019, pp.117-149.

ROLDÁN CASTRO, Fátima, El Occidente de Al-Andaluz – en el Atar al-bilad de Al-Qazwini, Sevilla, Ediciones Alfar, 1990.

ROSSA, Walter, “A Cidade Portuguesa”, in História da Arte Portuguesa – Volume 8 – Neoclassicismo e Romantismos (século XIX), Lisboa, Circulo dos Leitores, 2007.

SÁNCHEZ MANTERO, Rafael, Historia Breve de Sevilla, Sílex Ediciones, 1992.

SIDARUS, Adel, “A islamização religiosa do extremo Gharb Al-Andaluz (séculos VIII – X)”, in Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico, Faro, Universidade do Algarve, 2004.

SOUZA, Maria José Nobre de, “A Defesa Islâmica da Ria Formosa”, in Anais do Município de Faro, Vols XXXIII/XXXIV, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2003 / 2004, pp.103-157.

TORRES, Cláudio & MACIAS, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, Lisboa, Circulo dos Leitores, 1998.

- “A Arte Islâmica no Ocidente Andaluz”, in *História da Arte Portuguesa - Volume I – Da Pré-História à Arte Islâmica no Ocidente Andaluz*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2007.

TORRES, Cláudio, “O Al Garbe”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997.

- “La civilization andalouse, la tradition méditerranéenne et la tolérance”, in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, Faro, Universidade do Algarve, 2004.

VIEGAS, Libertário dos Santos, “A Tomada de Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol.XV, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1985.

NOTA BIOGRÁFICA:

Fernando Pessanha nasceu em Faro, em 1980. É doutorando em Património Histórico, pela Universidade de Huelva, mestre em História do Algarve e licenciado em Património Cultural, pela Universidade do Algarve. Conferencista e investigador da Associação Ibérica de História Militar e da Fundação al-Idrisi Hispano Marroquina, é autor de vários livros e artigos científicos publicados em Portugal, Espanha e Marrocos, nomeadamente, no domínio da História da Expansão e da História Militar. Actualmente trabalha como técnico superior de cultura no Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes, em Vila Real de Santo António.



**UNIÃO DAS FREGUESIAS DE FARO
(SÉ E SÃO PEDRO)**

2018